

SÍTIO DO PICAPAU ANARELO: UMA LEITURA HIPERTEXTUAL

ANGELINA MARIA FERREIRA DE CASTRO (COLÉGIO SANTO ANTÔNIO).

Resumo

A revolução teórica e tecnológica ocorrida nas últimas décadas trouxe, em seu bojo, um novo paradigma do conhecimento que, descartando a fragmentação dos saberes e tendo como metáfora a rede, propõe o desenvolvimento do pensamento complexo, poderoso auxiliar na compreensão do mundo interligado em que vivemos hoje. Esses avanços têm demandado novos rumos para os processos de leitura e escrita, visto que o texto, pela mescla de diversas mídias e diferentes linguagens, tornou-se híbrido e está sendo contemplado como um hipertexto, estética que permite o trânsito do leitor pelos mais variados saberes e pelas múltiplas dimensões textuais, exigindo que novas operações cognitivas sejam ativadas, dentre elas, as experiências da simultaneidade e da transversalidade. No contexto atual, portanto, o hipertexto torna-se uma ferramenta indispensável da transversalidade, metodologia que, segundo Edgar Morin, auxilia no desenvolvimento de uma educação pertinente, permitindo ao leitor o estabelecimento de uma interlocução com o mundo globalizado em que está inserido. Considerando, pois, o momento atual profícuo para se refletir sobre novos métodos de leitura-escrita, este trabalho tem como objetivo demonstrar como se pode desenvolver uma leitura reticular da obra infantil de Monteiro Lobato, que, pelo potencial que encerra, pode prestar-se a essa revisão metodológica de que necessitamos. Para tanto, o ensaio – Sítio do Picapau Amarelo: uma leitura hipertextual – estabelece um roteiro que, partindo da inserção da obra no modelo das teorias de rede propostas por Pierre Lévy, Ítalo Calvino, dentre outros, passa por um pequeno histórico do texto que, a partir da década de 60, começa a sofrer metamorfoses até chegar ao seu novo formato, desdobrando-se, afinal numa leitura hipertextual, orientada pelos princípios do hipertexto, propostos tanto por Pierre Lévy como por Deleuze e Guattari.

Palavras-chave:

Pensamento complexo, transversalidade, leitura hipertextual/Sítio do Picapau Amarelo.

Para as crianças um livro é todo um mundo. Ainda acabo fazendo livros onde as nossas crianças possam morar. Não ler e jogar fora; sim morar, como morei, no *Robinson* e n' *Os Filhos do Capitão Grant*.

(Monteiro Lobato. *A barca de Gleyre*)

Escrever uma obra que pudesse conter o mundo todo. Esse talvez tenha sido o sonho acalentado por Monteiro Lobato na década de 1910 e concretizado durante os anos de 1921 a 1945 por meio de sua literatura infantil. Ao tomar o livro como metáfora do mundo - como se pode depreender da epígrafe acima - o autor deixa transparecer o desejo de escrever uma obra sem fim, cuja última página pudesse remeter à primeira num movimento circular incessante; um livro em que as histórias brotassem umas das outras como nas *Mil e uma noites* e que pudessem representar a complexidade da própria vida, com sua multiplicidade de vozes e eventos. Uma rede, enfim, que oferecesse ao leitor a possibilidade de interagir com

a própria realidade e vislumbrar, em cada fragmento de história, o todo que estivesse ali contido.

As ideias de Monteiro Lobato encontram eco, hoje, na literatura de muitos escritores contemporâneos, dentre eles, Jorge Luis Borges, Julio Cortázar, Ernesto Sabato, Ítalo Calvino. Este último, por exemplo, tem se dedicado a escrever textos inspirados no formato hipertextual, inclusive, fazendo, em seus ensaios, a apologia do romance como uma grande rede. Em sua obra *Seis propostas para o próximo milênio*, o autor afirma que o grande desafio da literatura contemporânea seria o de saber tecer em conjunto os diversos saberes e os diversos códigos numa visão pluralística e multifacetada do mundo, como parece ter sido o sonho do nosso escritor Monteiro Lobato.

O texto, que veio sofrendo modificações em cada época, devido à introdução de novos paradigmas e suportes tecnológicos, ganhou contornos distintos, não só com o advento do estruturalismo e do pós-estruturalismo, que engendraram teorias introdutoras de uma nova estética textual, mas também com a descoberta do computador. Nesse processo evolutivo, exerceu papel relevante o artigo do cientista da computação Vannevar Bush *As we may think*, publicado em 1945, em que o autor lança alguns conceitos fundamentais do que viria a ser conhecido como hipertexto. Duas décadas depois, o termo foi cunhado por Theodor Nelson, que o definiu como uma forma de escrita associativista e não linear semelhante ao movimento da mente humana, em seu artigo *Literary Machines*.

Um pouco mais tarde, em 1981, Gérard Genette desenvolveu considerações linguístico-literárias sobre o termo hipertexto em sua obra *Palimpsestos: a literatura de segunda mão*. Recentemente, Ítalo Calvino, Pierre Lévy, Gilles Deleuze e Félix Guattari, entre outros, também ofereceram, com suas obras, importante suporte teórico para que o paradigma reticular se consolidasse e trouxesse, em seu bojo, o novo formato textual tridimensional que permite trabalhar a leitura por meio de uma escultura de textos superpostos.

Para que se compreenda esse formato textual, é necessário que se estabeleça um paralelo entre um hipertexto eletrônico e um texto impresso com potência hipertextual, isto é, um texto-teia ou um texto rizomático. Segundo Lévy, o hipertexto eletrônico constitui-se de um conjunto de nós - palavras, imagens, gráficos, sequências sonoras - unidos, não de maneira linear, mas reticular, e que segue alguns princípios básicos. Como exemplo de hipertexto eletrônico, podemos citar a WEB, a grande rede, que nos oferece a possibilidade de efetuar infinitas leituras por meio da abertura de seus mais variados *links*.

Os textos impressos, por sua vez, estão sofrendo a influência do computador e, como consequência desse processo, tornam-se tecnologizados, ou seja, escritos de acordo com o formato do hipertexto eletrônico. Um exemplo desse tipo de literatura tem sido desenvolvido pelo escritor italiano Ítalo Calvino. Em sua obra *O castelo dos destinos cruzados*, por exemplo, o autor, dividindo a página entre linguagem verbal, de um lado, e visual de outra (cartas de tarô), convida-nos a fazer uma leitura simultânea e transversal da história.

Por outro lado, textos há que não são formatados segundo o hipertexto eletrônico, mas que se prestam ao desenvolvimento de uma leitura em rede, devido aos mais variados e complexos saberes que veiculam. A introdução da obra *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia* tem sido tomada como paradigma da teoria do hipertexto, já que apresenta uma longa reflexão sobre a imagem do rizoma, que oferece um modelo de crescimento orgânico caótico que se identifica com o texto-teia. Em *Leituras do hipertexto*, Raquel Wandelli afirma que essa metáfora, embora

seja compatível com o hipertexto eletrônico, foi pensada em relação a obras impressas e, portanto, presta-se mais a uma análise do texto impresso.

Essa estética - favorecendo a flexibilização das fronteiras entre diferentes áreas do conhecimento e exigindo que novos recursos cognitivos sejam ativados, entre eles, as experimentações da simultaneidade e da transversalidade - tem desafiado o leitor a transformar-se num receptor de textos cada vez mais competente. Além de estar apto a perceber o texto literário como um objeto potencial, ele tem que adquirir um conhecimento abrangente e, ao mesmo tempo, estar envolvido com o ambiente tecnológico, para que possa efetuar uma leitura em rede, dialogando com outros textos e outras linguagens.

A articulação dessas teorias com a obra infantil de Monteiro Lobato leva-nos a supor que esse projeto literário teve sua gênese em um pensamento que privilegiava o modelo reticular de texto, como já foi comentado no início deste ensaio. Com efeito, um estudo mais atento de toda a saga infantil lobatiana pode revelar características definidoras de uma obra-rizoma ou de um hipertexto, e tanto os princípios apontados por Lévy quanto por Deleuze e Guattari podem ser auxiliares no estabelecimento de um trajeto de leitura a ser efetuada pelo viés das teorias de rede. Seria importante ressaltar que tais princípios, muitas vezes, confundem-se, podendo a análise hipertextual ser realizada por meio da alternância de alguns deles.

Dois importantes preceitos dessa estética - a *multiplicidade* e a *metamorfose* - podem ser, de pronto, detectados na própria estrutura do *Sítio*. Ao contar histórias para seus "netos", Dona Benta utiliza procedimentos vários, entre eles - como Sheerazade, nas *Mil e uma noites* - privilegia a técnica do encaixe das narrativas, contando histórias que se abrem para outras histórias. Apresentando, portanto, uma estrutura fractal, a obra completa constitui-se de uma grande rede, tecida por várias histórias que se desdobram, refratando-se em micronarrativas, num movimento incessante que flexibiliza as fronteiras do que é narrado, abrindo espaço para que os ouvintes ajudem na metamorfose da própria narrativa.

Esse movimento gerador de múltiplas histórias permite um entrelaçamento textual sólido que desenvolve o pensamento complexo do leitor, auxiliando-o na consolidação dos saberes. Devido a essa feição hipertextual e transversal, a obra oferece material abundante para se efetuar a educação pertinente desejada pelo sociólogo Edgar Morin, ou seja, aquela que contextualiza a teoria, privilegiando o saber-fazer por meio de um conhecimento orientado para a prática. Dona Benta utiliza constantemente essa metodologia, interrompendo a história, quase a todo momento, para explicar nomes, situações e locais referentes aos fatos narrados, com a finalidade de aproximar a narrativa do cotidiano de seus ouvintes. Às vezes, essa relação acontece por parte dos próprios ouvintes que praticam uma recepção ativa, ajudando a contar a história.

A polifonia - tipo de pensamento artístico estudado por Mikhail Bakhtin nos romances de Dostoiévski e instaurado por Monteiro Lobato na literatura infantil brasileira - exerce uma função dupla no processo constitutivo do hipertexto. Se, por um lado, instaura uma multiplicidade de vozes, responsáveis pelo desdobramento da história, por outro, reflete também a heterogeneidade delas, grandes responsáveis pela apreensão de culturas, vivências, modos de falar diversos que enriquecem a narrativa.

Por meio da construção de um curioso sistema de vozes - as personagens também contam histórias, interferindo sempre na narrativa - o narrador relativiza a sua postura narrativa, já que cada voz corrige, modera e acrescenta algo à outra. Essa

montagem funciona com grande harmonia e fluência, além de propiciar um grau de complexidade incomum ao gênero, evitando, dessa forma, o tom autoritário e monocórdio e aproximando os diálogos da verdadeira enunciação oral. Dona Benta inaugura, na obra, o moderno "fórum de leitura", motivando o ouvinte a exercitar a sua própria voz e desenvolvendo, dessa forma, o senso crítico e a argumentação, além de contribuir para a multiplicidade de opiniões e visões de mundo.

A polifonia ou heterogeneidade, segundo Barros, revela-se tanto por meio dos discursos diretos, indiretos, indiretos livre, citações, metadiscursos, entre outros, como pela intertextualidade, recurso sempre presente na fala do narrador ou na das personagens do *Sítio*. Quando Dona Benta - leitora assídua - conta histórias, ela sempre abre um espaço para comentários de outras obras, principalmente dos clássicos da literatura, fazendo uma farta alusão a seres ficcionais provenientes de diversas fontes, a trechos interessantes de outras obras, a ditados populares, a fim de incentivar a leitura. Os ouvintes também se recordam de fatos e personagens de outras histórias, estabelecendo contatos com pontos de vista diversos, num curioso entrelaçamento textual que permite que a rede hipertextual se expanda e se extravase, levando à interlocução entre vozes distintas.

Sendo a rede propícia para se pensar o mundo como um lugar onde cabem as diferenças, a heterogeneidade também pode ser percebida, na obra, por meio de vários outros aspectos que vão, desde a composição das personagens que constituem um grupo multiétnico, passando pela variedade de gêneros que se combinam (realismo fantástico, ficção científica, autobiografia, mitologia, aventura, folclore, pedagogia, entre outros) e pela discussão de temas instigantes, complexos e variados (reformas, guerras, invenções, viagens interplanetárias, viagens no tempo, viagens ao fundo do mar, política, ciência, petróleo) até alcançar um entrecruzamento notável entre linguagem verbal e visual.

Um exemplo admirável dessa semiose pode ser encontrado na obra *A chave do tamanho*, no capítulo XII, intitulado "O gigante de cartola" em que se pode perceber a belíssima imagem - apenas sugerida descritivamente pelo narrador - que funde, em nossa imaginação, duas instâncias aparentemente contrárias - ciência e criatividade. Emília passa a habitar na cartola do Visconde, revelando, talvez, o pensamento do escritor para quem a ciência só teria valor se fosse colocada em prática, se saísse das gavetas das universidades, onde se embolorava (O Visconde também embolora de vez em quando!) para cair no conhecimento do povo. Para acomodar tanta diversidade, o escritor busca, no recurso da carnavalização, a expressão máxima dessa potência, conseguindo dar, apesar dos temas científicos, políticos e filosóficos, um tratamento lúdico à sua narrativa.

Além da multiplicidade, da metamorfose e da heterogeneidade, pode-se detectar na obra infantil de Monteiro Lobato um outro princípio do hipertexto, a *cartografia*, que concebe o texto como um conjunto de linhas a ser percorrido e não um ponto de ancoragem fixa. É esse princípio que nos permite caracterizar o *Sítio do picapau amarelo* como uma obra aberta, composta de histórias que não se fecham em si mesmas, mas que, apresentando múltiplas entradas e saídas, apontam outras possibilidades de leitura, que permitem ao leitor tomar o texto como se fosse um mapa e escolher, através de seus mais variados *links*, o seu próprio roteiro de viagem.

Esses *links*, que servem de orientação ao leitor, prestam-se também para estabelecer a ligação entre os fatos narrados, deixando visível uma outra característica do hipertexto a que Deleuze/Guattari e Lévy denominam *interconectividade*. Como as histórias do *Sítio* foram distribuídas em volumes diferentes, em formato semelhante a uma enciclopédia, existe a possibilidade de se

pensar numa obra fragmentada, que não apresenta uma interligação entre as suas histórias. Essa fragmentação, entretanto, é ilusória, já que o texto, naturalmente dialógico e relacional, conecta as múltiplas narrativas por meio de vários procedimentos utilizados pelo narrador ou pelos co-narradores.

Um deles, a *redundância*, constitui-se de um recurso vigoroso que auxilia no estabelecimento de uma conexão entre os fatos narrados, não permitindo que o fio da meada se perca. Por meio dessa estratégia, os elementos da estrutura ficcional como personagens, espaço e temas vão sendo reiterados a todo momento. A *recursividade*, também um outra estratégia de coesão, auxilia na retomada dos fatos narrados para que a história progrida incessantemente. Resumos de histórias, de pequenos incidentes, de episódios engraçados, citação de personagens, reaparecimento delas em algumas histórias fazem parte das estratégias que, além de impulsionar a geração de novas redes de histórias, contribuem, ao mesmo tempo, para que o texto lobatiano permaneça coeso.

Constituem bons exemplos dessas estratégias, entre centenas de outros: o final encaixado da obra *O picapau amarelo*, em que o anunciado sequestro de Tia Nastácia já revela também o início de *O minotauro*, história que vai desenvolver, além de outros temas, o resgate da saudosa quituteira do *Sítio*; a abertura da obra *Peter Pan*, em que Dona Benta relembra o episódio do desaparecimento do palhaço do circo acontecido na obra *Reinações de Narizinho*; o reaparecimento de personagens em diversas obras, como é o caso do centaurinho que migra da obra *Os doze trabalhos de Hércules* para *Histórias diversas*; a reiteração de fatos como acontece com a história do anjinho, personagem de *Viagem ao céu*, que é narrada em várias outras obras, ou com a história de Dom Quixote que também é recontada vezes sem conta, chegando ao seu auge em *Os doze trabalhos de Hércules*, quando o Visconde, ao ficar louco, assume a identidade do próprio cavaleiro andante. Além desses procedimentos todos, a *autorreferencialidade* também auxilia no processo de coesão das narrativas: tanto Dona Benta quanto os ouvintes citam as próprias histórias do *Sítio*, interligando os fatos e provocando reflexões, por meio da metalinguagem.

Se a interconectividade permite o estabelecimento de um tecido coeso ao longo de toda a narrativa, a *ruptura a-significante* - outra característica do hipertexto apontada por Deleuze e Guattari - trabalha no sentido inverso, permitindo que, por meio de certos procedimentos, a narrativa se interrompa em determinado ponto para ressurgir mais à frente. São as interrupções necessárias - comentários, explicações e até a entrada de outras histórias que vão ampliando a narrativa original e possibilitando que a rede se expanda. A própria técnica utilizada por Dona Benta de contar uma história dentro da outra, abrindo espaço para que os ouvintes se manifestem, auxilia nessa ruptura, pois permite ao leitor estabelecer uma nova cartografia da obra.

As características apontadas até aqui são apenas algumas das muitas que oferecem à obra infantil de Monteiro Lobato um cunho hipertextual. Além disso, tais qualidades permitem-nos estabelecer uma analogia do *Sítio* com a ideia de biblioteca de Ítalo Calvino, para quem o sentido e o conhecimento de alguma coisa só podem ser construídos numa perspectiva relacional, ou seja, é apenas a partir do momento em que o saber narrativo se coloca em contato com o outro que ele adquire consistência.

O Sítio do picapau amarelo oferece ao leitor a possibilidade de efetuar esse tipo de leitura relacional, devido à complexa rede de saberes que veicula, incentivando o desenvolvimento de uma sólida formação intelectual e ética. Essa hipertextualidade latente da obra traz em seu bojo um modelo transdisciplinar de leitura e escrita,

que pode ser condizente com a proposta da complexidade, preconizada por Edgar Morin, cuja finalidade é religar os conhecimentos dispersos. Se vivemos em uma sociedade que se comunica hoje por meio da rede, devemos operacionalizar a *inter* e a *transdisciplinaridade* em todos os níveis do ensino, visando a desenvolver, dessa forma, o pensamento complexo do aluno, necessário ao estabelecimento de uma interlocução com o mundo tecnologizado em que estamos inseridos.

Que essa metodologia transdisciplinar - a leitura hipertextual do *Sítio do picapau amarelo* - aqui apenas delineada, sirva de incentivo aos professores para que reflitam sobre as novas formas de leitura e produção de texto e, quiçá, possa ser transformada em prática constante nas salas de aula, tendo como eixo central a leitura da obra infantil de Monteiro Lobato nas séries do ensino fundamental.

Referências bibliográficas

BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Trad. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. *Teoria do discurso: fundamentos semióticos*. São Paulo: Atual, 1998.

CALVINO, Ítalo. *Seis propostas para o próximo milênio*. Trad. Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

_____. *O castelo dos destinos cruzados*. Trad. Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

CASTRO, Angelina Maria Ferreira de. *As imagens da inteligência artificial nas narrativas literária e cinematográfica*. 2007. 126 f. Dissertação (Mestrado em Teoria da Literatura) Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

_____. *Convite aos educadores: um passeio pelas páginas do Picapau Amarelo*. Belo Horizonte: Linha Editoria *Tela e Texto*, 2008.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Trad. Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. São Paulo: Editora 34, 1995, vol.1.

GENETTE, Gérard. *Palimpsestos: a literatura de segunda mão*. Trad. Luciene Guimarães e Maria Antônia Ramos Coutinho. Belo Horizonte: UFMG, 2005. Edição bilíngue.

LOBATO, Monteiro. *Obra infantil completa*. São Paulo: Brasiliense, 1973.

_____. *A Barca de Gleyre - quarenta anos de correspondência literária entre Monteiro Lobato e Godofredo Rangel*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1944.

LÉVY, Pierre. *As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática*. Trad. Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1993.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Leitura, texto e hipertexto. In: *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido*. MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antônio Carlos. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

MOREIRA, Maria Elisa Rodrigues. *Saber narrativo*: proposta para uma leitura de Ítalo Calvino. Belo Horizonte: Tradição Planalto, 2007.

MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. Trad. Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2006.

_____. *A cabeça bem-feita*: repensar a reforma, reformar o pensamento. Trad. Eloá Jacobina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

WANDELLI, Raquel. *Leituras do hipertexto*: viagem ao dicionário Kazar. Santa Catarina, UFSC, 2003.

***Angelina Maria Ferreira de Castro**

- Mestre em Teoria Literária pela UFMG. Dissertação defendida em 2007: *As imagens da inteligência artificial nas narrativas literária e cinematográfica* (Monteiro Lobato e Steven Spielberg).

- Professora de produção de texto do Colégio Santo Antônio - Belo Horizonte.

- Autora da obra: *Convite aos educadores*: um passeio pelas páginas do Picapau Amarelo. Livro publicado pela Linha Editorial *Tela e Texto* (UFMG, 2008).